

A ermida de Santa Bárbara do Barreiro

*Fernando Carvalho da Mota**

Introdução

Este trabalho de investigação histórica tem como tema a antiga ermida de Santa Bárbara situada no extremo Este dos antigos limites do concelho do Barreiro, à beira da estrada real que seguia para o Lavradio e Alhos Vedros.

A sua construção data de 1570, tendo sido demolida em 1932 para a construção do segundo bloco de moradias para operários da CUF.

Em primeiro lugar e antes da sua história, propriamente dita, escolheu-se, para este trabalho, fazer um resumo do culto de Santa Bárbara, explicando a lenda por detrás da santa e identificando os principais locais de culto. Serão efectuadas igualmente comparações com outras tradições e locais de Portugal, procurando semelhanças quer na forma de adoração, como também na curiosa forma em palmatória que o templo apresentava.

As fontes consultadas para este trabalho foram as mais variadas e abrangentes ao nosso alcance, desde testemunhos orais até fontes escritas depositadas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo Municipal do Barreiro e Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Barreiro.

* Gabinete de Arquivo e Gestão Documental da Câmara Municipal do Barreiro.

Culto de Santa Barbara

O 4 de Dezembro é o dia festivo de Santa Bárbara. De acordo com a lenda, Santa Bárbara era uma donzela de grande beleza, filha de um rico mercador pagão, Dioscorus. Aparentemente, viveu no século III ou IV na Ásia Menor, em Nicomédia ou em Heliópolis. Para proteger a sua filha, tanto de pretendentes, como do cristianismo, Dioscorus fechou-a numa torre. Dioscorus tinha grande receio que a sua filha se convertesse ao cristianismo, a nova religião que estava a começar a crescer à margem do Império Romano, adoptada por estratos mais pobres e marginalizados da sociedade romana. Como rico mercador que era, tinha horror a este movimento que, além de o poder prejudicar a nível pessoal, poderia igualmente lesá-lo nos seus negócios, na possibilidade de qualquer associação com a religião banida.

Bárbara passou, assim, anos na torre. Recebia a sua comida e roupa através de um cesto com uma corda. Seu pai, em busca de um pretendente para sua filha, autorizava que os interessados chegassem aos pés da torre para com ela falar (1). Um dia, um estranho colocou um livro no cesto, através do qual Bárbara tomou conhecimento do cristianismo. De tal forma, que queria conhecer mais sobre esta religião, que ela acabou por adoecer. Seu pai mandou chamar um médico, mas, tal era o seu estado de agitação, que quando o médico chegou não lhe perguntou quem era, quando de facto, era um padre, um médico da alma. Bárbara colocou várias questões ao padre, tendo acabado por se converter ao cristianismo.

Pouco tempo depois, o seu pai teve de efectuar uma longa viagem. Durante a sua ausência, Bárbara pediu a alguns empregados da casa para construir uma terceira janela na torre. Como ela era a filha do seu patrão, acederam. Quando Dioscorus voltou da sua viagem perguntou a Bárbara a razão de uma terceira janela na torre. Ela respondeu-lhe que se tinha convertido ao cristianismo e as três janelas lembravam-lhe a Santíssima Trindade (2).

O seu pai em fúria ordenou-lhe que renunciasse à sua nova fé ou morreria. Ao recusar, Dioscorus entregou Bárbara ao Prefeito Romano, Marcianus que a torturou e espancou para que abandonasse o cristianismo. Foi inclusivamente humilhada, ao ser levada despida pela cidade. Por fim, acabou por ser atirada para uma prisão onde as suas feridas sararam. No dia seguinte, Marcianus foi chamado à prisão para ver a cura das feridas da tortura. Não satisfeito, duplicou os suplícios, ordenando-lhe que renunciasse ao cristianismo. Depois de nova recusa foi condenada à morte por decapitação, sentença esta executada pelo seu próprio pai.

Quando regressava a casa, depois de ter executado a sua filha, Dioscorus foi atingido por um raio, que o matou.

Segundo a tradição, os restos mortais de Santa Bárbara estão depositados na Igreja com o seu nome no Cairo, Egipto. A data de construção da Igreja é uma incógnita, mas segundo a tradição, foi construída por ordem de Athanasius, um secretário de Abdel-Aziz Ibn Marwan (Governador do Egipto entre 685 e 705 e bem conhecido, em Portugal, por segundo a lenda denominar Marvão). Contudo, uma porta encontrada durante um dos restauros da igreja, dataria do princípio do século IV. Originalmente, a Igreja foi dedicada a São Ciro mas, foi reconstruída em 1072 ou 1073 para acolher as relíquias de Santa Bárbara.

Devido ao destino do seu pai, Santa Bárbara é invocada através de preces e rezas para a protecção a trovoadas. Numa extensão a esta protecção, tornou-se igualmente padroeira dos artilheiros, mineiros e outras profissões que lidam com explosivos (3).

Em território brasileiro, as entidades religiosas, pela intensidade do seu culto, provocam o sincretismo com o Catolicismo, que atribui aos *orixás*, formas materiais dos santos da Igreja chamando os nomes de uns aos outros. Assim, *Xangô* corresponde ao raio, ao relâmpago e ao trovão, sendo representado por Santa Bárbara, São Jerónimo e S. Miguel. *Iansã* é a mulher de *Xangô* e simboliza o vento, a tempestade, o mau tempo, sendo também representado por Santa Bárbara.

No Brasil a reza para Santa Bárbara é a seguinte.

*«Santa Bárbara a bendita
Que no céu está escrita;
Com papel e água benta,
Aplacai esta tormenta!»*

Contudo, a tradição brasileira tem obviamente raízes portuguesas. O culto a Santa Bárbara teve uma grande expansão em Portugal nos finais do século XV e inícios do século XVI, datando deste período a grande maioria dos templos dedicados a esta Santa.

As preces associadas a Santa Bárbara existem por todo o nosso país, por vezes, apenas, com ligeiras alterações em algumas regiões, como por exemplo, na freguesia de Santiago Maior, no Alandroal, distrito de Santarém:

*«Magnifica a minha alma
Engrandeço ao Senhor
Meu espírito se alegrou
Em Jesus meu Salvador.
Oh, que estrondos vão no céu!
Que nos valha a Divindade,
Valha-nos a Cruz de Cristo
E a Santíssima Trindade.
Santa Bárbara Bendita
Se vestiu e se calçou
Ao caminho se deitou
Jesus Cristo encontrou
E Ele lhe perguntou:
- Onde vais Bárbara?
- Vou amarrar aquela trovoada,
Que no céu está armada.
- Amarra, amarra,
Para onde não haja eira nem beira
Nem raminho de oliveira
Nem bolinho de alma cristã.
Santa Bárbara Bendita
Que no Céu está escrita
Tendes a Torre na mão
Pedi a Nosso Senhor
Que nos abrande o trovão.»*

No Sabugal:

*«Santa Bárbara se vestiu e se calçou
Pelo caminho de Jesus Cristo andou
A meio do caminho Jesus Cristo encontrou
E Lhe perguntou:
- Ó Bárbara onde vais?
- Vou ao céu e quero ir,
Vou arrumar uma trovoada
Que vós lá tendes armada.
- Então vai e arruma-a num cantinho,
Onde não haja pão nem vinho,*

*Nem choro de menino,
Nem galo a cantar,
Nem raminho de oliveira,
Nem mal que o faça.»*

Ou em Marvão:

*«Santa Bárbara Bendita,
No Céu está escrita,
Num papel com água benta,
Livra-nos desta tormenta
Que a leve lá para longe,
Para onde não haja pão nem vinho,
Nem flores de rosmaninho,
Nem mulheres com meninos,
Nem vacas com bezerrinhos.
Já os galos cantam,
Já os anjos se levantam,
O Senhor está na Cruz,
Para sempre, Amen Jesus.»*

A referência nesta reza a sítio «onde não haja palha nem grão» para cair a trovoada, revela o facto de esta Santa ser a mais invocada, principalmente, pelos agricultores para proteger as suas culturas.

O poder de afastar as trovoadas, de grande temor para as populações, ganhou grande difusão em Portugal, onde encontramos casos curiosos como na torre esquerda da Misericórdia da Guarda, onde no grande sino é guardada uma inscrição de poder e conjuro em castelhano «*Maria es mi nombre, Bárbara mi voz será, Miguel destruyó el inferno y esta a toda tempestad anno 1797*».

A Ermida de Santa Barbara do Barreiro

A Ermida de Santa Bárbara estava situada numa pequena elevação, na bifurcação de dois caminhos de Este para o Barreiro, o primeiro passava alguns metros a Norte da Ermida e partia do Lavradio, o outro, vinha do Convento da Verderena.

A sua localização inseriu-se na antiga tradição de construir templos cristãos nos caminhos de entrada das localidades, de forma a afastar epidemias e outros males. Nesse sentido, já existiam à data da sua construção outras capelas e ermidas nas restantes vias de comunicação do Barreiro, em particular, a Ermida de S. Sebastião (posteriormente, Igreja de S. Francisco) na estrada que vinha de Sul e a Ermida de S. Roque (mais tarde, Igreja de Nossa Senhora do Rosário) a Oeste da Vila, onde se encontrava a estrada que vinha de Sul ao longo do rio Coina e as ligações por rio com Lisboa.

A construção da Ermida numa elevação estava perfeitamente inserida na tradição do culto de Santa Bárbara, que - como vimos - era protectora das trovoadas e tempestades. Numa localidade predominantemente piscatória como era o Barreiro, o culto a Santa Bárbara ganhou uma maior relevância ao proteger a faina marítima dos locais, praticada na barra de Lisboa e ao longo da costa da Península de Setúbal, até ao Cabo Espichel. Contudo, o culto à Santa estava também ligado à protecção do trabalho agrícola que, era também praticado por muitos pescadores nas épocas de terra. De facto, muitos eram proprietários de vinhas como, António Marques, Francisco dos Santos, Francisco Gonçalves e Manuel Jorge¹.

A data da construção da Ermida de Santa Bárbara, ao contrário do que foi apontado por Armando da Silva Pais² (citando José Augusto Pimenta), não será de 1604, durante o período Filipino, mas antes de 22 de Setembro de 1570³. Por este documento depositado na Torre do Tombo foi autorizada a construção da ermida para colocar a imagem de Santa Bárbara que estava na Igreja Matriz de Santa Cruz, tendo sido encarregado do trabalho de construção e da organização da respectiva fábrica Brás da Rocha.

Certo é que em 1605 a ermida já estava construída, como atesta a obrigação transcrita por José Augusto Pimenta na «*Memória Histórica e Descritiva da Villa do Barreiro*» de um documento cuja cópia datada de 1745 existe no Arquivo Municipal⁴:

«Obrigação que esta Vila do Barreiro e todo este Povo tem, de fabricar, e porver de todo o necessário, a Ermida de santa Barbara, que o dito Povo fez de Novo, vindo a ella.

Domingos Ferreira, Prior desta Igreja de Santa Cruz, desta Villa do Barreiro e Vigário na dita e na villa de Alhos vedros e seus termos; que eu faço saber aos que a prezente virem, que os moradores desta villa fizerão, junto a ella, da parte do naçente, hua Ermida para a Gloriosa Santa Barbara licença que para isso tiverão, de Sua

Magestade como Governador e Administrados da Ordem de Santiago, e querendo os ditos moradores dizer missa, na dita Ermida que feita tenham, lhe foy mandado, que ouvesse quem se obrigasse á Fabrica da ditta Ermida. E logo nesta Igreja de Santta Cruz. Desta villa se ajuntarão, Os juízes, e Veriadores, e Procurador do Concelho, e mais Povo, logo foy dito em minha prezença e em prezença de todo o Povo, estava o ouvidor do Duque, que a esse tempo aqui estava Em Correição, todos em hum corpo e cada hum por si, disserão, que eles se obrigavão, por si, e por seos Moventz, e de raiz havidos e por haver; De hoje para todo o sempre, a fabricar de todo o neçessario a dita Ermida de Santta Barbara, de que tudo se fez um termo no livro dos Acordans da Camera desta villa; Aos 24 Dias do Mez de Junho, da Era de 1604 anos, o qual termo todos assignarão de como se obrigavão, e por seus Successores a fabricar de todo o neçessario a Caza da ditta Santa Barbara; e por o dito termo estar assim ffeito no Livro da Camera, e assignado por todos, o não treslado aqui, mas aelle me reporto; E portanto puz neste Tombo da Igreja, esta declaração, aos 29 de Dezembro de 1605 annos, e me assignei aqui, por quanto p Arcebispo, na licença que passou, para se poder dizer Missa na dita Ermida, assim o mandou, e eu sobredito que isto escrevy. O Prior Domingos Ferreira»

Em 1618 a área da ermida já era denominado Alto de Santa Bárbara, constituído por terras de sementeira e pinhal pertencente a D. Francisca de Azambuja – a protectora do Convento da Madre de Deus da Verderena – e foreiro, com mais cinco vinhas nas proximidades à Igreja Matriz de S. Lourenço de Alhos Vedros, fazendo estes terrenos parte da capela instituída em testamento de D. Francisca de Azambuja.

Na citada obra de José Augusto Pimenta este, erroneamente, considera também, que nunca existiu confraria ou Irmandade para a Ermida de Santa Bárbara. De facto, quem estava encarregado de velar pela conservação do edificio e cobrança de foros para a citada Ermida era a Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santa Cruz, que foi responsável durante toda a segunda metade do século XVIII e início do século XIX pelo templo. A prova desta afirmação encontra-se depositada no Arquivo Municipal do Barreiro entre os documentos mais antigos nele depositados⁶. Num livro com 100 fólios, com capas em pergaminho e com um pequeno atilho em couro, estão as contas de receita e despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Com um termo de abertura datado de 1744 registam-se vários assuntos, que hoje, através dos olhos do historiador ganham todo o significado. O livro abre com o registo dos autos de posse sobre alguns foros devidos a Santa Bárbara que eram geridos pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Santa Cruz,

onde tinha a sua sede. Os rendimentos colhidos pelas casas que estavam à volta da Ermida ou vinhas deviam ser recolhidos anualmente, mas aparentemente tal não acontecia há algum tempo. Estes registos foram feitos precisamente com o objectivo de recolher valores em dívida, como por exemplo o de Marcos Gonçalves que devia cinco mil réis e a viúva de Manuel Baptista, que tinha dois anos em atraso, com uma dívida de mil réis; entre outros.

A partir de 1752 até 1764 os foros passaram a ser recebidos anualmente sem falta. Os valores cobrados eram, por exemplo, da citada viúva de Manuel Baptista, 500 réis de foro ou Marcos Gonçalves com 625 réis. Para além destes, a Irmandade recebia foros devidos a Santa Bárbara, de Bernardino Ferreira (625 réis), José Ferreira (240 réis), João de Castro Bandeira (625 réis).

Estas receitas eram aplicadas normalmente no pagamento do escrivão, pagamento de missas ao pároco de Alhos Vedros ou em 1755 utilizadas em concertos na Ermida, provavelmente originados pelo terramoto. Este último, no valor de mil, quatrocentos e quarenta reis, foi descrito como o «conserto que se principiou a fazer na Ermida da Santa»⁷. No ano seguinte, procederam a obras no telhado, que foram da responsabilidade de mestre Clemente Gaspar, no valor de catorze mil e quarenta reis. Em 1758 o telhado voltava a ser concertado por nove mil réis.

Infelizmente, este livro depositado no Arquivo Municipal do Barreiro, deixa de ter registo da cobrança dos foros a partir de 1764. O livro continua apenas com as últimas reuniões da Irmandade do Santíssimo Sacramento, realizadas entre 1845 e 1849, com vista à organização da Semana Santa, não sendo feita qualquer referência à Ermida ou capela de Santa Bárbara.

Outra prova da existência de uma autoridade que administrava os bens e o culto de Santa Bárbara encontra-se na Torre do Tombo. Trata-se de um conjunto de documentos que estiveram na origem de um processo para a autorização de uma feira franca durante as festas de Santa Bárbara:

«Pretendem os juizes e mais irmãos da confraria de Sta. Bárbara desta villa do Barreyro estabelecida na Hermida da mesma Santa situada nos subúrbios della, que V[ossa] Mage[s]tade] lhes conceda a graça de poderem fazer todos os annos hua feyra franca nos três dias próximos ao da Festa da referida Santa para com o produto della poderem reparar a dita ermida, proverem-se de ornamentos e acudirem a tudo o mais de que necessitão, por se achar destituída de tudo, reduzida à última decadência, sem culto e sem decência, sendo o seu rendimento administrado pelo juiz e irmãos que actualmente forem da Mesa e pelos que succederem nos ditos

cargos, além da utilidade que resulta de semelhante graça a todo o Povo da ditta Villa e das mais circunvizinhas.

Pela resposta inclusa dos Officiaes da Camera e da Nobreza e Povo dada no Termo junto, consta convirem todos em que se conceda a referida graça não só pella grande conveniência que della pode resultar dos moradores daquella villa, mas também aos Povos dos lugares circunvizinhos, assignando para se fazer a ditta Feyra o Sítio dos Baldios do conselho que estão na estrada místicos (4) à referida Hermida.

Da ruína, pouco culto e decência com que ella se acha posso eu testificar de sciência própria, e como testemunha ocular por me achar actualmente em Correição nesta villa, e da mesma forma da pouca, ou nenhua possibilidade que a Confraria tem para poder acudir ao seu reparo, e a sua indigência, motivos todos que, me parece concorrem para V[ossa] Magestade[ade] lhe conceder a graça que pertendem, com declaração porém que o arruamento e vãos dos chãos serão repartidos aos comerciantes na occasião da referida Feyra pello Juiz de fora, e mais Officiaes da Camera que então servirem ficando somente livre para a dita Confraria o producto e rendimento dos mesmos chãos.

Este é o meu parecer. Vossa Majestade determinará o que entender he mais justo. Barreyro, 10 de Setembro de 1764.// O Juiz Corregedor e Ouvidos da Comarca de Setúbal, Doutor Francisco Xavier de Basto.⁸

O relato do Corregedor, assim como da edibilidade referiam o abandono e ruína do templo, precisamente no ano em que deixaram de ser registados os foros no livro da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A crise financeira em que se encontrava a Irmandade, referida no documento como Confraria, não comoveu a Coroa, que recusou o pedido, emitindo uma Provisão em que considerava que «não há necessidade de Feyras francas à vista, na vizinhança de Lisboa, e menos que se façam a requerimento de uma Confraria⁹».

A conservação do templo sempre foi um problema, tendo muitas das iniciativas partido da generosidade da população.

Em 1743 o templo já tinha sofrido as primeiras importantes alterações ao ser demolido um alpendre, como constava no arquivo da Matriz: «*Despendy sinco mil e outocentos e noventa réis com os Pedreiros e serventes que demoliram o alpendre. Oliveira.*» As obras duraram dois anos, tendo sido concluídas com a construção de um «*portal de cantaria para a porta da sacristia nova*¹⁰». O portal foi comprado pelo juiz João Dias Ratinho por 2400 réis, tendo o transporte e assentamento das pedras ficado em 15.885 réis. Trataram-se, decerto, de obras de vulto que substituíram a antiga Ermida por outra mais ampla, facto que explica a mudança

de designação neste livro para «*capela da Gloriosa Santa Bárbara*». Contudo, estas obras apenas foram possíveis, como vimos, pela eficiente cobrança de foros de atraso, como prova o livro depositado no Arquivo Municipal do Barreiro.

A ermida seria alvo de outras duas intervenções em 1787 e 1855 como comprovavam as placas que estavam colocadas na sua frontaria¹¹. A data da primeira reedificação estará directamente relacionada com um período extremamente carregado de religiosidade no Barreiro: a Irmandade de N.^a S.^a do Rosário estava no seu auge, com diversos milagres a serem atribuídos à Senhora do Rosário e que acabaram por levar à aprovação dos Estatutos da Irmandade (que passou a ser designada *Real*) por protecção de D. Maria I e pela atribuição da Breve do Papa Pio VI, em 1789. De facto, nas décadas de 70 e 80 do século XVIII, todos os templos do Barreiro sofreram obras de beneficiação e ampliação, desde a Ermida de S. Sebastião, que passou a Igreja de S. Francisco (que sofreu grandes obras em 1770), até a Igreja de N.^a S.^a do Rosário que foi ampliada em obras iniciadas em 1784, com a colocação do altar em talha dourada e a construção do arco de cruzeiro da nave em 1793. A ermida de Santa Bárbara acabou por beneficiar deste período de reconstrução de templos no Barreiro, até pela facilidade de materiais e técnicos de construção que se encontravam na localidade.

Em 1834 foi colocada na ermida uma imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo com um Menino Jesus no regaço, passando a sua festa a realizar-se no dia seguinte ao de Santa Bárbara (normalmente à segunda feira). A segunda data de beneficiações na Ermida (1855) coincide também com obras de vulto da Igreja de N.^a S.^a do Rosário para a construção da torre norte.

As placas sobreviveram à demolição de 1932 tendo D. Manuel de Mello projectado reconstruir a Ermida perto do Bairro Novo da CUF nos anos 50 mas, tal não se verificou e as placas, último vestígio da ermida, desapareceram.

As festas

O relato mais antigo das festas em honra de Santa Bárbara no Barreiro foi-nos deixado por José Augusto Pimenta¹². Estas festas que decorreram em 1743 contaram para a sua realização com a esmola de 180 réis de treze devotos. As despesas foram as seguintes: para o prior que cantou a missa, seis tostões; ao diácono, subdiácono e mais três padres que tomaram parte da solenidade, duzentos e quarenta réis a cada um; ao acólito do turíbulo cento e vinte réis; ao tesoureiro da matriz, cento e vinte réis; aluguer de cera e incenso, trezentos réis.

De noite foi efectuado um leilão à porta da Ermida de «fogaças, melhoradas em cada ano, frutos, aves, etc.» As arrematações nesse ano foram disputadas tendo arrematado galinhas a 700 réis, frangos a 300 réis e melancias a 240 réis. O produto destes leilões era destinado ao arraial, despendendo-se em aluguer de mastros, escudos e bandeiras, fogos de artifício e em alimentar grandes fogueiras de barricas de alcatrão. José Augusto Pimenta refere que a festa realizava-se num dos domingos do mês de Agosto, tendo passado depois para Setembro, provavelmente em 1791 para não colidir com os festejos em honra de N.^a S.^a do Rosário.

A periodicidade das festas em honra de Santa Bárbara, a partir do último quartel do século XIX, acabou por ser bastante irregular. O culto de Santa Bárbara confundia-se em comemoração com a outra imagem que passou a estar guardada na ermida: N.^a S.^a do Carmo do Monte a partir de 1834, com a extinção das Ordens Religiosas. Em 1855 a confraria desta Santa pedia autorização à Irmandade de N.^a S.^a do Rosário para as suas festas:

«Tendo os festeiros de N.^a S.^a do Monte do Carmo, que são pela maior parte Irmãos da Real Confraria de N.^a S.^a do Rosário desta Vila determinado fazer a festividade daquela Senhora no dia 9 do corrente mez e mandar também armar um coreto e uma piquena perspectiva para iluminação à noite, tornando-se por esse motivo o arraial mais aprazível e com a necessária luz, e sendo certo os festeiros os precisos arranjos por falta de meios, mas obtido sempre da Mesa do Rosário, todos os que caressem, além de capas para a procissão, lanternas, etc.¹³»

As notícias das festas em honra de Santa Bárbara chegaram aos nossos dias através da imprensa da capital, dispersas pelos vários jornais de então. Destes, a mais antiga data de 1866 e foi publicada no *Diário Popular*:

«Barreiro, 13 – Ao arraial de Santa Bárbara compareceu muito povo e mais viria se não chovesse, motivo porque o fogo passou para o dia seguinte. È de todos os arrais que tem havido o mais pitoresco, por estar assente num monte. Lá estava a barraca da Júlia que não foi para Belém porque tencionava ir já para Tancos, vendo-se também obrigada a ir primeiro a Benavente. Na segunda-feira o prior do Barreiro recusou-se a dizer missa em santa Bárbara, foi dita pelo prior do Lavradio¹⁴»

As rivalidades políticas do Barreiro também tiveram o alto de Santa Bárbara por palco, como Armando da Silva Pais lembrou¹⁵. As festas de Setembro

de 1878 decorreram num clima de grande agitação política no Barreiro, dividido em *Franceses* (Regeneradores) e *Penicheiros* (Progressistas)(5):

«O partido dos «Franceses» da vila do Barreiro tinha resolvido fazer no dia 8 do corrente a festividade e arraial a Santa Bárbara, na sua ermida daquela vila. Chegou, porém, a véspera e nem arraial nem qual carapuça! Os Franceses haviam perdido a coragem.

Entretanto os Penicheiros, como não vissem nem más nem boas, decidiram na própria véspera que eles fariam as festividades. Pediram licença ao Administrador [do Concelho] para a filarmónica poder sair e o administrador, naturalmente depois de se aconselhar na farmácia Pimenta, concedeu-lha (6).

Mandaram a Lisboa solicitar do governo civil a permissão para se queimar o fogo de artifício, mas aqui empurraram os festeiros para o Administrador do Concelho. Afinal, dirigindo-se a esta autoridade, os «amigos de Peniche» viram negada a permissão, deixando por isso de fazer a festa. O mais engraçado neste caso foi que, pretendendo os «Penicheiros» bigodear os «Franceses», foram eles os bigodeados. Agora complica-se a coisa, porque «Franceses» e «Penicheiros» pretendem realizar hoje a festa. Como irão eles descalçar este par de botas?¹⁶»

Alguns dias depois, o correspondente do jornal descrevia o epílogo da festa:

«Realizou-se no dia 22 no Barreiro a festa «Penicheira» à Santa Bárbara. Os «Penicheiros» foram mais felizes que os «Franceses», porque tudo correu na melhor ordem, tocando no arraial e pela ruas as filarmónicas «Penicheira» e a do Lavradio. A ermida não serviu de quartel ao destacamento, mas ainda assim estiveram uns quatro ou cinco tipos deitados junto ao altar! Já nada se estranha...¹⁷»

Teremos de esperar por 1892 para encontrar na imprensa outra descrição das festas, desta vez no jornal «*O Século*»:

«Barreiro, 12 - Realizou-se ontem a costumada festa de santa Bárbara nesta vila. A concorrência foi enorme sendo até custoso transitar pelo recinto do arraial. Muita gente teve de sair por não ter bancos onde se assentar. A iluminação foi de belo efeito, especialmente a da barraca do bazar. O fogo agradou também muito.

Tocou a filarmónica Marcial Capricho Barreirense, sendo muito aplaudida. A polícia está sendo feita por uma força da guarda municipal. Reina completo sossego.

Hoje continua a festa da Senhora do Monte de Carmo, havendo bazar e fogo de artifício. Vem de Azeitão, afim de tomar parte na festa, a filarmónica Perpétua Azeitonense. A Sociedade Marcial Capricho Barreirense, também tocará.¹⁸»

No ano seguinte as festas voltaram a realizar-se com a presença das mesmas duas filarmónicas, tendo a comissão promotora dos festejos sido constituída na sua maioria por senhoras, que no arraial organizaram uma quermesse e fogo de artifício. As festas foram também muito participadas, com iluminação veneziana de noite¹⁹.

As festas no Alto de Santa Bárbara voltaram a realizar-se em 1895, com tal fulgor que mereceram descrição pormenorizada do jornal *O Século* em dois números:

«Barreiro, 16 – Começaram hoje as festas anuais a Santa Bárbara e à Senhora do Monte do Carmo. Como o «Século» noticiou no programa das festas, a banda de infantaria 5 chegou à estação dos caminhos-de-ferro do Sul às 9 horas da manhã, onde parte dos membros da comissão dos festejos a esperava acompanhada de grande quantidade de povo. À chegada da banda subiram no ar muitos foguetes, seguindo esta em direcção ao arraial, onde assistiu à abertura da quermesse, tocando por esta ocasião algumas peças de música.

O arraial apresenta aspecto surpreendente, desde o alto onde se encontra situada a Ermida até à entrada da rua das Obras. Grande quantidade de mastros com bandeiras, ornamental o espaçoso recinto, vendo-se de uns mastros a outros uma quantidade de arcos de buxo e outras verduras produzindo um lindo efeito.

Tanto a fachada da Ermida como toda a barraca da quermesse estão ornamentadas com verduras, sendo esplêndido o seu aspecto.

Estão armadas muitas barracas de quinquilharias, de comes e bebes e uma de espectáculos burlescos, queijadeiras, tabuleiros de bolachas, vendedores de refrescos, etc. A animação é extraordinária. De Lisboa tem chegado muito povo para assistir à festa.

A iluminação do arraial promete ser de um lindo efeito, devido à grande quantidade de balões à veneziana que ali estão colocados.²⁰»

«Barreiro, 17 – Como por telegrama dissemos à última hora, a animação no arraial foi extraordinária, sendo grande a concorrência de povo, tanto de Lisboa, como dos arrabaldes, reinando sendo a melhor ordem. Às 10 horas e meia da noite, procedeu à arrematação da bandeira de Santa Bárbara, a qual, depois de ser picada, foi arrematada pelo sr. Joaquim José Alves pela quantia de 9.400 réis, com a condição de a melhorar para o ano (7).

À meia-noite subiram no ar alguns foguetes e foi queimado um lindo fogo preso, que, diga-se a verdade, foi um dos melhores fogos que temos visto nos arraiais desta vila. Terminado o arraial a banda de infantaria 5, acompanhada de muito povo, seguiu até à praça de Santa Cruz a bandeira, dispersando ali tudo na mesma ordem. Assim terminou a primeira parte dos festejos a Santa Bárbara.

Hoje logo de manhã, começaram os festejos à Senhora do Monte do Carmo, havendo alvorada pela banda de infantaria 5, a qual, acompanhada por grande multidão de povo, percorreu as ruas principais da vila. Em seguida, houve na ermida missa rezada pelo reverendo prior desta freguesia. No arraial continua grande animação. A concorrência à quermesse tem sido extraordinária, tendo já dali retirado grande número de prendas, entre elas, algumas de grande valor.²¹

As festas de 1895 mereceram um igual destaque do jornal *O Século* referindo que as daquele ano eram feitas com uma pompa extraordinária e superior à de anos anteriores. Às nove horas da noite foram conduzidas em procissão da ermida de Santa Bárbara para a Igreja do Rosário as duas imagens, acompanhando a procissão, além da banda da Sociedade Marcial Capricho Barreirense, mais de mil pessoas. De manhã chegara a banda de música de infantaria 3, que veio abrilantar os festejos. Às 11 horas teve lugar na igreja do Rosário uma missa solene com a exposição das duas imagens, tendo depois, às 4 horas da tarde tido lugar a procissão na qual tomou parte a banda de infantaria 3.

No morro onde a Ermida estava situada encontrava-se cercado de mastros com bandeiras e cordões de buxo. Do lado Sul da ermida fora armado um elegante coreto ornamentado com verdura e flores. No mesmo alto, como que formando uma meia laranja, seguiam-se muitas barracas de comes e bebes. Nos lados da estrada improvisada que dava acesso ao morro havia grande número de barracas de bijutarias e de espectáculos e um pequeno circo onde trabalhavam vários animais amestrados.

Estiveram de piquete postado na fábrica de cortiça *Lane e Santos* os bombeiros do Caminhos-de-Ferro do Sul e Sueste, com todo o seu material

disponível durante os dias e as noites dos festejos, em consequência da mesma fábrica estar situada a Norte do alto de Santa Bárbara e ficar muito próxima do arraial, podendo cair alguns foguetes e comunicar-lhes o fogo. Contudo, verificou-se um incêndio, mas não onde se esperava: próximo da meia-noite tombou uma vela do altar da capela, comunicando fogo ao manto da Senhora do Monte do Carmo. Esta imagem ficou danificada e completamente carbonizado o Menino Jesus. Na ocasião em que se manifestou o incêndio, uma senhora que estava próxima do altar desmaiou.²²

Não tendo havido notícia da sua realização até 1903, seria da iniciativa de uma «comissão de rapazes» que se propuseram realizar as festas de Santa Bárbara e Senhora do Monte do Carmo, que esta acabou por se realizar percorrendo para isso os estabelecimentos da vila (8). Na mesma altura, uma outra comissão era organizada para que no ano seguinte as festas fossem puramente civis «sem a mínima manifestação religiosa»²³. As festas de 1903, com o seu respectivo arraial, decorreram pela primeira vez fora do Alto de Santa Bárbara devido à oposição do proprietário das terras que cercavam a Ermida, Serafim de Mello.

Assim, às 9 horas da manhã do dia 13 de Setembro de 1903 iniciavam-se as festas com a chegada da banda de infantaria n.º 11, que percorreu algumas ruas da vila, indo em seguida para a Ermida de Santa Bárbara onde começou a procissão. Às 10 e meia da manhã saiu o cortejo religioso que percorreu várias ruas até à Igreja do Rosário, onde se realizaram as festas. A procissão ia organizada da seguinte forma: à frente a cruz alçada, ladeada por dois ciriais, seguindo-se logo os pendões da Senhora do Monte do Carmo e de Santa Bárbara, cujas imagens seguiam pela mesma ordem, fechando o préstito a banda de infantaria n.º 11, à frente da qual ia o reverendo Francisco António Quintão, pároco da freguesia de Santa Cruz do Barreiro. Incorporaram-se também no préstito as Irmandades da Senhora do Rosário e do Santíssimo e muita população. A procissão chegou às 11 e meia à Igreja do Rosário, tendo as imagens sido colocadas numas bancadas próprias em frente do altar-mor.

Depois desta cerimónia religiosa, que terminou às duas e meia, iniciou-se às quatro horas o arraial descrita de uma forma tal pelo jornal *O Século* que nos poderíamos imaginar no recinto da festa há 100 anos:

«No grande largo, entre a Igreja e a praça de touros, foi armado o arraial, estando o largo profusamente decorado com mastros, bandeiras, galhardetes, etc., produzindo um bonito efeito. Em frente da Igreja e ao lado da porta principal, formando como que uma nova fachada ao templo, foram armados dois palanques, que estavam muito bem ornamentados e

nos quais se viam muitos e variados objectos, que à tarde e à noite se venderam por meio de tómbola. No centro do largo foram também armados um coreto para a música e um pequeno pavilhão destinado à venda de queijadas também por meio de tómbola. Em volta havia muitas barracas de comidas e bebidas, de farturas, escolas de tiro, teatro de fantoches, figuras de cera, carrossel e vários lugares de venda de queijadas, bolos, refrescos, etc. O arraial esteve bastante concorrido e mais poderia estar se o vento o não impedisse.

Pouco depois chegou a banda de Infantaria n.º 11, que foi tocar para o coreto, donde passado pouco tempo, teve de sair por o mau tempo não lhe permitir a sua estadia ali, vindo a colocar-se em frente da porta da igreja, onde tocou até à noite variadas peças do seu repertório.

Pelas sete horas da noite começaram as iluminações, que estiveram deslumbrantes. Nas correntes que uniam os mastros e que dos mesmos subiam até ao alto da igreja foram colocados muitos balões, os quais, juntamente com a iluminação do coreto, barracas, das tómbolas e das escolas de tiros, fantoches, etc., davam ao arraial um belo aspecto. Iluminado lindamente o recinto foi para o coreto a banda de infantaria 11, que sob a regência do sr. José Maria Adelino executou, primorosamente o seguinte programa: «Primeiro dia feliz», sinfonia; «Bebé», suite de valsas; «Carta de Granada», fantasia mourisca; «Dolores», jota; «Rapsódias do Minho»; «Cádiz», pot-pourrit; «A aeronauta», passe calle.

Como a noite se conservasse relativamente amena, a concorrência foi um pouco maior, estando, por isso, muito animado o arraial. À meia-noite queimou-se um vistoso fogo de artifício do pirotécnico Diogo António da Costa, de Alcântara, o qual se iniciou por uma salva de 21 tiros em duas coroas voadoras, seguindo-se as praças intituladas: jardim, corridas dos caçadores, jogo de encalhaduras, queda de água, árvore luminosa e gritos dos infernos. (...) Na igreja vendiam registos, medalhas e estampas das santas festejadas as senhoras Francisca Passos, Josefa dos Santos e Maria dos Santos. As imagens foram vestidas e lavadas pelas senhoras Francisca Rosa e Maria do Patrocínio.²⁴»

No dia seguinte e último das festividades, as imagens retornavam à Ermida pela manhã. Assim, depois da missa na Igreja do Rosário a procissão saiu pela uma e meia da tarde em direcção à Ermida de Santa Bárbara, percorrendo as ruas Conselheiro Aguiar, rua Direita, Rua Serpa Pinto, Praça de Santa Cruz e, novamente, rua Aguiar, chegando à Ermida pelas duas horas e meia, num cortejo que englobava mais de três mil pessoas²⁵. A ordem do cortejo era a seguinte: à frente a Irmandade da Senhora do Rosário, que levava a imagem

da Senhora do Monte do Carmo e a cruz alçada, ladeada por dois ciriais, seguindo-se a cruz do Santíssimo Sacramento que, juntamente com a imagem de Santa Bárbara, era conduzida pela respectiva irmandade. Imediatamente seguia o palio, sob o qual ia o reverendo Quintão, que levava o Santo Lenho e o reverendo Gonçalves Ferreira, de Lisboa, fechando o préstito a banda de Infantaria 11 que, durante o percurso executou a marcha «Colégio Militar» e «Credo». O pálio era ladeado por seis lanternas e cada um dos andores por quatro. Pegaram as varas do palio João Santa Rita Marques, António Vicente Baião, Augusto dos Santos, João da Silva Júnior, João Luz e José Luís Oliveira, e às lanternas Alfredo da Silva, António Joaquim, Júlio Durand, António dos Santos, Daniel António dos Santos e Augusto Duarte. A imagem da Senhora do Monte do Carmo foi conduzida por António Quintino, José Prudêncio, João Baptista dos Santos e Salvador da Cruz e as lanternas que os escoltavam por Alberto José Fiúza, João dos Santos, António José Nunes e José dos Santos. Conduziam a imagem de Santa Bárbara, Henrique Valadares, José dos Santos Charreco, António dos Santos e Augusto dos Santos.

O arraial continuou até ao final do dia em frente da Igreja do Rosário, tendo terminado com a arrematação das bandeiras das festas, tendo adquirido a de Santa Bárbara, Francisco dos Santos Maricas, por 11\$000 réis e a da Senhora do Monte do Carmo, por José da Costa, por 8\$100 réis.

Contudo, apesar de Francisco dos Santos Maricas ter ficado encarregue de organizar as festas no ano seguinte, a oposição do proprietário dos terrenos e o estigma cada vez maior de organizar umas festas religiosas numa localidade já marcadamente republicana (9), dificultaram-lhe a tarefa, tendo as festas decorrido novamente na Igreja do Rosário e reduziram-lhe o brilho.

As últimas grandes festas em honra de Santa Bárbara realizaram-se em Setembro de 1907. Estas festas tiveram a especial particularidade de serem as primeiras em sete anos a ter lugar na Ermida de Santa Bárbara, já que nos últimos quatro anos decorria na Igreja de N.^a S.^a do Rosário. A preparação para estes festejos revestiu-se de grande organização com o programa das festas a ser publicado nos jornais de Lisboa quinze dias antes das celebrações:

«Barreiro, 3 – Realizam-se grandiosos festejos a Nossa Senhora de Santa Bárbara nos dias 15 e 16 de Setembro, abrilhantados pela banda regimental de infantaria «del Castilla» n.º 16 da guarnição de Badajoz (10), tendo o seguinte programa:

Dia 15 – Às 5 horas e meia da manhã, chegada da banda «del Castilla» de infantaria n.º 16, que percorrerá as ruas da vila; às 10 horas da manhã,

missa rezada por alma dos sócios falecidos; das 4 e meia às 7 da tarde e das 9 às 12 horas da noite, grande arraial abrilhantado pela banda regimental espanhola, iluminações gerais a acetilene e á veneziana; às 12 horas da noite será queimado um vistoso fogo de artifício de um dos melhores pirotécnicos de Lisboa.

Dia 16 – Às 8 horas da manhã, grandes girândolas de foguetes e volta à vila pela banda regimental espanhola; às 10 horas, missa a Nossa Senhora do Carmo; das 4 e meia às 7 da tarde e das 9 às 12 horas, arraial, quermesse e iluminações gerais, abrilhantadas pela mesma banda, sendo às 12 horas queimado um vistoso fogo de artifício.²⁶»

À frente da comissão das festas estavam Francisco de Azevedo, presidente; Joaquim Francisco, tesoureiro; Júlio Martins, 1º secretário; Júlio Durand, 2º secretário; vogais: João Germano Bravo, Manuel Dias, João dos Santos, Carlos Ribeiro, José de Azevedo, Manuel Ferrão, José Caetano, Augusto José, Manuel Pina, António Pina, António Pinho, Luís dos Santos, Alfredo Mateus, António Mateus, Raul M. da Silva, Artur Pereira e António José Cambalacho.

Na véspera dos festejos, dia 14, João Germano Bravo e Carlos Ribeiro tinham partido no comboio das 8.45 para Borba, para esperarem a banda regimental espanhola, além de que, o arraial já estava montado à volta da ermida, com barracas de comida, cafés e um teatro. Ao centro e a todo o comprimento de Norte a Sul, via-se uma extensa rua formada de arcos enfeitados com escudetes, troféus, bandeiras, etc. e próximo da ermida estava levantado um coreto. A barraca da quermesse estava montada junto da ermida e em frente deste templo levantavam-se alguns arcos, também enfeitados com escudos e troféus, vendo-se também muitos mastros com bandeiras por todo o lado.

O primeiro dia dos festejos, 15, nasceu com as ruas do Barreiro repletas de gente da terra e do Lavradio, Moita, Alhos Vedros e das que vieram de Lisboa. Esperava-se a banda regimental espanhola na estação do Barreiro, às 5 da manhã. Aguardava a banda a comissão promotora das festas e cerca de três mil pessoas, com grande curiosidade para ver a banda espanhola.

Trocados os cumprimentos, dirigiu-se toda a multidão para o princípio da rua Miguel Pais, onde a banda espanhola executou os hinos português e espanhol, indo à frente a comissão, depois a banda e a seguir uma massa compacta de povo, subindo ao ar, constantemente inúmeras girândolas de foguetes. O cortejo, assim organizado, atravessou a rua do Conselheiros Joaquim António de Aguiar, travessa da Amoreira, rua direita de S. Francisco (actual rua José Relvas), rua Serpa Pinto, outra vez pela rua Conselheiro Aguiar, parando em frente da sede da Troupe Recreativa Operária Barreirense. A banda

espanhola durante este trajecto tocou sempre um passe calle, que muito agradou e entusiasmou o público, que levantava vivas à banda e à comissão.

Na sede da Troupe Recreativa Operária Barreirense, na rua Aguiar, pouco depois da banda ter ali dado entrada, foi-lhe oferecida pela comissão promotora dos festejos um delicado copo de água, tendo sido levantado um brinde por Francisco de Azevedo, presidente da comissão promotora dos festejos à banda espanhola, brinde que foi correspondido pelo regente da banda, a qual depois executou novamente os hinos dos dois países. A banda compunha-se de 35 figuras, sendo o seu mestre Damião Lopes, sendo acompanhado pelo tenente José Ponte.

Ao meio-dia do dia 15 começava a festa religiosa na ermida de Santa Bárbara. O pequeno templo encheu-se depressa, sendo as imagens de Santa Bárbara e da Senhora do Monte do Carmo foram muito visitadas. As lápides da ermida despertaram, também, uma grande curiosidade e interesse.

A missa solene foi celebrada pelo reverendo Francisco António Quintão, acolitado pelos reverendos Anunciação Pinto, do Lavradio e João Evangelista de Lacerda, sendo acompanhados a órgão e vozes.

O templo ficou depois em exposição, enquanto os membros da comissão dos festejos percorreram a vila em peditório.

À medida que a tarde do dia 15 decorria a enchente era cada vez maior no alto de Santa Bárbara. Nas barracas, sempre cheias trabalhava-se com sérias dificuldades para satisfazer de pronto os fregueses, como eles queriam e no pinhal, que ficava nas traseiras da Ermida, muitos grupos, estiraçados no chão, comiam com bom apetite as suas merendas, sucedendo o mesmo na estrada que segue para o Lavradio, onde as sombras eram disputadas por muitas famílias²⁷.

A banda espanhola que saiu da Troupe Recreativa Operária Barreirense pelas 4 horas e meia acompanhada pelos membros da comissão e muitos populares, deu entrada no alto de Santa Bárbara, executando um ordinário, dirigindo-se imediatamente para o coreto, o qual foi rodeado por grande número de membros da colónia espanhola, que de Lisboa, ali foram propositadamente cumprimentar os seus compatriotas.

A referida banda, depois de tocar o hino português, executou o seguinte repertório: «Passo-dobrado Afonso XIII» do maestro Ribeiro de Infantaria 19, «Virbena de la Paloma»; ordinários «La Giralda», «Gatita Bianca», etc.

A quermesse instalada junto da Ermida, cujo produto revertia em favor das despesas feitas pela comissão, era elegante e nas bancadas viam-se bastantes prendas. Venderam rifas vários membros da comissão promotora dos festejos, entre os quais, Júlio Durand, João Germano Bravo, Carlos Ribeiro,

Artur Pereira e as senhoras Margarida Augusta de Vasconcelos, Laura de Jesus Ligorne, Aurora Nunes e Maria Xavier.

O segundo dia de festa, na segunda-feira, foi também muito animado. Apesar de manhã não ter tanta gente como na véspera, o padre Quintão pelas 10 horas rezou missa na Ermida. A partir das três horas em diante começaram a chegar uma grande quantidade de público, estando pouco depois o Alto de Santa Bárbara repleto. A animação era geral e contagiante e pela estrada que conduz ao Alto, o movimento de carros e de pessoas era enorme, e como no domingo anterior, densas nuvens de pó envolviam tudo, incomodando horripelmente.

Às 4 e meia saiu a banda espanhola da sede da «troupe» em direcção ao arraial, tocando um belo ordinário. As pessoas que a acompanharam não cessaram de a aplaudir. Logo que chegou ao arraial, tomou lugar no coreto onde executou o seguinte programa: Ordinário, passo doble, «El punao de rosas», rapsódia húngara, fantasia da «Africana», «Cenas Pitorescas», do Nassenci; marcha turca, «Vénus Satou».

À noite foi queimado fogo de artifício, como na noite anterior, tendo as pessoas ficado sentadas no pinhal perto da Ermida para melhor verem o espectáculo. Quando este começou, as pessoas ora se chegavam à frente para o ver bem, como depois recuavam atabalhoadamente para fugirem com medo dos estilhaços, «e assim, ora chegando-se, ora recuando e sempre no meio de uma vozeria enorme, arderam todas as peças do fogo, que agradaram, sendo vitoriados o maestro fogueteiro e a comissão promotora dos festejos.²⁸»

A festa terminou com muitas pessoas, vencidas pelo cansaço, a dormirem no pinhal e no chão do arraial. O serviço de segurança foi assegurado pelos dois polícias destacados na vila, assim como, por uma força de infantaria 2 e um destacamento de polícias de Lisboa na estação ferroviária e fluvial (11).

Na última noite, foi também escolhida a comissão de festas para o ano seguinte, que contava com Mateus Baptista, Teodoro dos Santos, Tomás Campos, João da Luz, Pedro da Luz, José Pedro Gomes, Joaquim José Piruca, Constantino Pedro, José Maria Alves, António Germano Bolina, João Garcia, Manuel António, João Inácio Nunes, José Clímaco, Diogo Correia Sota, Dário Pereira, Vicente Bolina, Manuel da Luz, João da Costa, Manuel Joaquim Lopes, João Santa Rita, João Bravo, Francisco Bravo, Salvador Ferreira, Miguel Faustino, Luís Pinto Brandão, Manuel Baptista, Francisco Caetano da Silva, António de Oliveira Padrão e Alfredo Baptista.

Contudo, não se realizou mais a festa²⁹, tendo uma das principais causas para este facto, residido na questão da propriedade da Ermida e dos campos que a circundavam.

Epílogo

O afastamento do culto religioso num Barreiro onde o Município e Junta de Paróquia contavam já com membros do partido republicano acabou por se impor, tanto neste templo como na Igreja de São Francisco, já que eram administrados por confrarias e abertos ao culto apenas em período de procissão e festa.

Também a delapidação do património da Ermida e das suas fontes de rendimentos foram de importância para o declínio. De facto, já a 8 de Fevereiro de 1857, José Pedro da Costa, vereador da Câmara pedia a sua demissão do cargo enquanto não estivesse resolvida a questão sobre a Estrada Real denominada de Santa Bárbara, que ligava a vila do Barreiro à Verderena, e que fora cortada pelas obras do caminho de ferro. Devido às críticas que a população dirigia à edilidade, afirmava não poder continuar em funções, enquanto o trânsito nesta estrada de grande importância não estivesse restabelecido³⁰.

Em 1907 os terrenos em volta da Ermida eram propriedade da Companhia União Fabril e de Serafim de Mello (12), sendo que, este último, sempre se opusera à realização da festa e arraial por danificar os seus campos de cultivo.

A questão da propriedade da Ermida deixou de ser, com o passar dos anos, um verdadeiro problema. De facto e apesar de na Ermida estarem colocadas placas atribuindo a sua construção ao «povo do Barreiro», os documentos de propriedade tinham-se perdido havia muito.

A questão colocou-se de forma mais perene quando a Junta de Paróquia de Santa Cruz do Barreiro, a 3 de Janeiro de 1909, propõe fazer uma queixa contra Serafim Mello, o proprietário dos terrenos do alto de Santa Bárbara:

«Considerando que segundo as afirmações de todas as pessoas idóneas naturais desta freguesia de Santa Cruz do Barreiro, não oferece dúvida alguma que o terreno que circunda a capela de Santa Bárbara pertence à referida capela, porquanto tem sido sempre terreno baldio do qual o povo de toda a freguesia se utilizava; considerando que esse terreno baldio deixou de existir e que hoje se encontra completamente arroteado e semeado por conta do sr. Seraphim Mello; considerando que tal estado de coisas data apenas de seis anos a esta parte; considerando

que ainda há dois anos, aí se fez a festa de Santa Bárbara e que muito embora o Sr. Seraphim de Mello se dissesse proprietário do terreno e não quisesse consentir a festa, foi a isso compelido pela autoridade administrativa, o que demonstra claramente que o referido cavaleiro não pode ser legalmente proprietário do mencionado terreno; considerando que muito embora esta Junta de Paróquia não tenha documentos referentes à Capela de Santa Bárbara, ela e respectivo terreno anexo, é propriedade da Junta de Paróquia visto achar-se na posse do Povo do Barreiro há mais de trezentos anos; considerando que não é admissível nem lógico que a capela se ache circundada com terreno pertencente a propriedade particular e ela seja propriedade do Povo. Por todos estes motivos tenho a honra de propor:

1º- Que esta junta oficie ao Sr. Administrador de Concelho afim de que a autoridade administrativa intime o Sr. Seraphim de Mello para que apresente os documentos em que prove que os aludidos lhe pertencem;

2º - Que esta junta delegue num seu vogal o encargo de nas respectivas repartições de Fazenda e Conservatória verificar tudo o que se referir aos aludidos terrenos afim de habilitar esta junta a reclamar para as estações competentes contra a ilegal extorsão de terrenos que lhe pertencem.³¹»

No entanto, se o documento que José Augusto Pimenta citou na sua obra e que estava descrito, também, no final do livro de Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento (hoje depositado no Arquivo Municipal do Barreiro) tivesse sido encontrado, a história talvez fosse diferente. Mas, os tempos eram outros. Os mesários e irmãos da Irmandade tinham acabado e o próprio arraial à Santa era cada vez mais esporádico. A implantação da República acabaria por colocar um ponto final no culto a Santa Bárbara e à sua Ermida no Barreiro.

As duas imagens que possuía e as modestas alfaias foram entregues em 1916, a título de depósito à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, das quais acabou por tomar posse definitiva.

A imagem de N.^a S.^a do Monte do Carmo tem 0,88 m de altura e figura com o Menino Jesus. É de madeira pintada e decorada com dourados. Assenta também sobre pequeno pedestal de madeira.

A imagem de Santa Bárbara era de roca, estando desde 1973 desaparecida, após um restauro. Existem imagens fotográficas da Santa em procissão em dia de festa de Agosto, gentilmente cedidas por Sr.^a D. Maria Odete Sequeira.

São sua propriedade as vestes da Santa, que foram passadas de geração em geração, sempre por via feminina desde, pelo menos, meados do século XIX, a saber:

Francisca Rosa – Delfina Rosa – Maria Cândida de Almeida Gonçalves – Maria Inês de Almeida Gonçalves Sequeira (N. 1898) – Maria Odete Sequeira – Maria Fernanda Esteves Gonçalves Cerqueira de Lemos Pedro

Notas:

(1) A lenda é uma variação do motivo de Rapunzel. Esta lenda pode ser vista como uma alegoria para a viagem da vida: existem alturas em que nos sentimos presos numa torre, porque estamos afastados daquilo que mais nos preencheria; ou, por estarmos fechados numa torre para nos afastarmos do medo ou de uma causa passional.

(2) Esta remodelação na torre valeu-lhe ter-se tornado a patrona dos arquitectos.

(3) Nos Estados Unidos da América foi criada a *Ordem da Santa Bárbara*, uma sociedade honorária militar da artilharia do exército e «marines», para aqueles que se distinguiram por serviços excepcionais em campo, sendo o seu grau mais elevado a *Antiga Ordem de Santa Bárbara*

(4) *Místicos* – junto, colados, perto.

(5) A rivalidade destas duas parcialidades políticas era demonstrada na existência de duas colectividades rivais: a Sociedade Marcial Capricho Barreirense e a Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense. As alcunhas que surgiram dos seus rivais acabaram por ser assimiladas e com orgulho, de forma que, hoje ambas as colectividades são conhecidas por essas designações.

(6) O Administrador do Concelho visitou na farmácia Pimenta o seu proprietário, João Dias Correia Pimenta, líder local do Partido Regenerador (*francês*), que seria o último Presidente do Município na Monarquia.

(7) Tal como noutras localidades de Portugal, este acto simbólico de arrematação da bandeira da Santa escolhia o responsável pelas festas no ano seguinte.

(8) A comissão promotora dos festejos era composta por Francisco Marques, João Nepomuceno, João Ferreira, Francisco Marinho, Manuel Duarte, Bento dos Santos, Domingos Coelho de Abreu e Manuel Marinho.

(9) Em 1904 a Junta de Paróquia do Barreiro era de maioria republicana e a vereação camarária contava com dois vereadores republicanos.

(10) Esta unidade militar fundada em 1 de Junho de 1793, ainda hoje existe, tendo até 1985 mantido parte da sua antiga designação «Regimento de Infantaria Mecanizada Castilla n.º16». A partir desta data, fruto da reorganização militar, foi rebaptizada de Batalhão de Infantaria Mecanizada “Alcântara” III/16 e Batalhão de Carros de Combate “Mérida IV/16”, que prestam serviço actualmente na Bósnia-Herzegovina.

(11) Tiveram muito pouco trabalho, tendo o caso mais curioso sucedido no arraial onde, numa barraca de tiro, sendo um dos alvos uma caixa com um botão, de forma que quando o projectil lhe acertava a tampa abria-se e saía uma caveira. Como houve um indivíduo que protestou contra esta brincadeira, o dono da barraca deu-lhe um soco.

(12) Serafim de Mello, faleceu no Barreiro a 31 de Dezembro de 1924 com 76 anos, filho de Manuel Rodrigues de Melo e de Josefa de Almeida. Era natural de Cavernães, concelho de Viseu.

Bibliografia

Arquivo da Irmandade de N.ª S.ª do Rosário – *Livro de Actas*, 5 de Setembro de 1855.

Arquivo Municipal do Barreiro – *Livros de registo de Sisas*, 1763-1799. Cota: CMB/F/A/01/Lv.01

Arquivo Municipal do Barreiro – Fundo da Irmandade do Santíssimo Sacramento, *Livro 1*, 1744-1849.

Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de Actas da Câmara Municipal do Barreiro*, Livro 2 (1854-1861).

AN/TT – Chancelarias Antigas da Ordem de Santiago, Lv. 4, Fl. 131.

AN/TT, Desembargo do Paço, Estremadura e Ilhas, Mç. 422, n.º 4.

Junta de Freguesia do Barreiro – *Livro de Actas da Junta de Paróquia de Santa Cruz do Barreiro*, Sessão de 3 de Janeiro de 1909, fl. 231.

PAIS, Armando da Silva – *O Barreiro Antigo e Moderno. As outras terras do concelho*, edição da Câmara Municipal do Barreiro, 1963, pág. 75-77.

PIMENTA, José Augusto – *Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro*, Tipografia do Dicionário Universal Português, Lisboa, 1886

Preiódicos

30 Diabos Júnior

Diário Popular

O Século

Notas

- 1 Arquivo Municipal do Barreiro - *Livros de registo de Sisas*, 1763-1799. Cota: CMB/F/A/01/Lv.01
- 2 PAIS, Armando da Silva - *O Barreiro Antigo e Moderno. As outras terras do concelho*, edição da Câmara Municipal do Barreiro, 1963, p. 75.
- 3 AN/TT - *Chancelarias Antigas da Ordem de Santiago*, Lv. 4, Fl. 131. O documento que se encontra bastante deteriorado é de leitura extremamente difícil.
- 4 Arquivo Municipal do Barreiro, Fundo da Irmandade do Santíssimo Sacramento, *Livro 1*, 1744-1849, fl. 97.
- 5 Fonte citada.
- 6 Arquivo Municipal do Barreiro, Fundo da Irmandade do Santíssimo Sacramento, *Livro 1*, 1744-1849.
- 7 Fonte citada, Fl. 12v.º
- 8 AN/TT, Desembargo do Paço, Estremadura e Ilhas, Mç. 422, n.º 4.
- 9 Fonte citada.
- 10 Arquivo Municipal do Barreiro, Fundo da Irmandade do Santíssimo Sacramento, *Livro 1*, fl. 46 e 46v. 17 de Julho de 1745.
- 11 PIMENTA, José Augusto - *Memória Histórica e Descritiva da Villa do Barreiro*, Tipografia do Dicionário Universal Português, Lisboa, 1886
- 12 PIMENTA, José Augusto - Fonte citada, p. 39.
- 13 Arquivo da Irmandade de N.ª S.ª do Rosário - *Livro de Actas*, 5 de Setembro de 1855.
- 14 *Diário Popular*, 16 de Setembro de 1866.
- 15 PAIS, Armando da Silva, *O Barreiro Antigo e Moderno*, Edição CMB, 1963, p. 77.
- 16 *30 Diabos Júnior*, 15 de Setembro de 1878.
- 17 *30 Diabos Júnior*, 29 de Setembro de 1878.
- 18 *O Século*, 15 de Setembro de 1892.
- 19 *O Século*, 10 e 12 de Setembro de 1893.
- 20 *O Século*, 17 de Setembro de 1894.
- 21 *O Século*, 18 de Setembro de 1894.
- 22 *O Século*, 17 de Setembro de 1895.
- 23 *O Século*, 18 de Agosto de 1903.
- 24 *O Século*, 14 de Setembro de 1903.
- 25 *O Século*, 15 de Setembro de 1903.
- 26 *O Século*, de 4 de Setembro de 1907.
- 27 *O Século*, 16 de Setembro de 1907.
- 28 *O Século*, 17 de Setembro de 1907.
- 29 Não há referência à festa nos periódicos de 1908.
- 30 Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de Actas da Câmara Municipal do Barreiro*, Livro 2 (1854-1861).
- 31 Junta de Freguesia do Barreiro - *Livro de Actas da Junta de Paróquia de Santa Cruz do Barreiro*, Sessão de 3 de Janeiro de 1909, fl. 231.

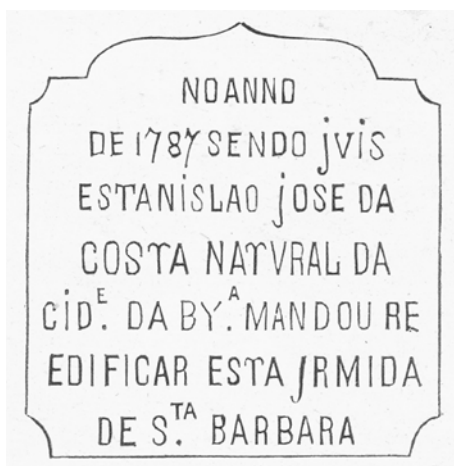


Fig. 1 – Placa da reedificação efectuada por Estanislau José da Costa

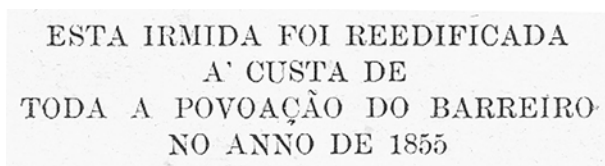


Fig. 2 – Placa da reedificação de 1855.



Fig. 3 – Festas na ermida em 1907.

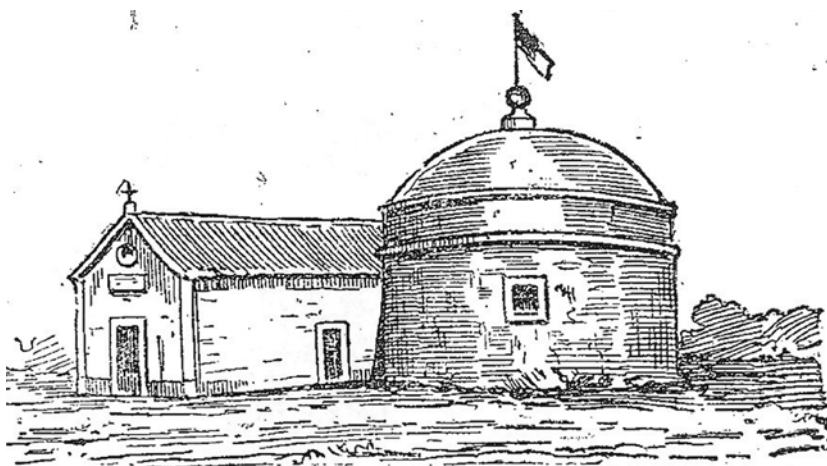


Fig. 4 – Gravura da Ermida publicada no jornal *O Século* de 15 de Setembro de 1907.



Fig. 5 – Imagem de Santa Bárbara em procissão, durante as festas do Barreiro de 1957.